

Fotos: Antonio Cunha/CB/D.A Press



Rômulo (no alto) quer comprar um carro; Matheus (E) trabalha desde os 17; Bruno espera o 1º salário da UnB

MERCADO BILIONÁRIO

Jovens entre 16 e 24 anos movimentam anualmente R\$ 295,5 bilhões no Brasil. E o Distrito Federal tem o maior ganho médio nessa faixa etária. A renda aqui é de R\$ 1,5 mil, contra R\$ 1.378 dos catarinenses, segundos colocados na pesquisa, e os paulistas, que vêm em terceiro, com R\$ 1.371. Os números de Brasília podem ser explicados pelas vagas conquistadas no serviço público e pela maior escolaridade, que torna o mercado competitivo também na iniciativa privada.

Jovens do DF têm renda maior

Enquanto ganho médio é de R\$ 1,5 mil na capital, no Maranhão é de menos de R\$ 600 na faixa etária entre 16 e 24 anos

» VERA BATISTA

A renda média dos jovens do Distrito Federal é a maior do país e equivale a quase três vezes à dos brasileiros entre 16 e 24 anos do Maranhão, onde o ganho é o menor. Enquanto no DF atinge R\$ 1,5 mil, no estado nordestino, é de R\$ 587, segundo pesquisa do Instituto Locomotiva, especializado em consumo e opinião pública. De acordo com o estudo, os jovens nessa faixa etária movimentam anualmente R\$ 295,5 bilhões. Santa Catarina aparece em segundo lugar no ranking, com renda média de R\$ 1.378; seguida por São Paulo, com R\$ 1.371. O Rio de Janeiro ficou em sexto, com R\$ 1.247.

“Em Brasília, dois fatores contribuem para o resultado: a grande massa que opta por concursos públicos, em busca de salários superiores aos da iniciativa privada e, em consequência, o maior nível de escolaridade em relação aos estados, já que os candidatos precisam se preparar para enfrentar a concorrência”, explicou o presidente do instituto, Renato Meirelles.

Ele ressaltou que, embora o desemprego tenha aumentado no país, “na prática, está entrando mais dinheiro nas casas desses jovens”. Essa aparente contradição tem uma explicação: a técnica usada para medir a desocupação é quantificar os que procuram

emprego. “Aumentou realmente a procura e mais jovens passaram a trabalhar. O lado bom da crise é que a dificuldade acabou aumentando a renda nessa faixa etária.” Na maioria dos casos, os jovens (71%) são mais escolarizados que os pais, os influenciam no consumo e na compra de tecnologia.

Os com baixa **escolaridade** se encaixam no setor de serviços e os mais preparados, nas multinacionais. “A diferença de renda nem sempre é grande nesse momento da vida. Um vendedor de nível médio, por exemplo, pode ganhar até mais que um recém-formado em universidade. O problema é o futuro”, reforçou Meirelles.

Do ponto de vista da renda, assinalou o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), “o jovem não é particularmente pobre”. “O problema é que, quando se olha para o futuro, o quadro é nebuloso. São muitas **incertezas**. Os jovens estão caindo em um abismo e é difícil prever o que vai acontecer. Mesmo com a melhora nas expectativas dos empresários, o setor de serviços é o que mais demora a reagir”, destacou. Ele lembrou que a renda nessa faixa etária despencou no primeiro trimestre deste ano em comparação ao mesmo período de 2015. Entre os jovens de 15 a 19 anos, a queda foi de 19,6%. Entre os de 20 a 24 anos, de 11,6%, destacou Neri.



Com 20 anos, Bruno Lopes tomou posse como assessor da UnB recebendo o dobro da média da renda de Brasília

Educação

Nem sempre o aumento do nível de escolaridade é um indicativo de elevação da renda e da inserção no mercado de trabalho. Mas a ausência de educação formal cada vez mais sofisticada, no atual ambiente global de alta competitividade, certamente deixará o trabalhador para trás. "O abandono da escola pela geração de hoje terá efeitos nas futuras. Estudos apontam ainda um aumento nos índices de violência no médio prazo dos que não conseguiram se recolocar ou bancar os estudos. Ou seja, o desemprego do jovem prejudica o presente e o futuro", apontou o economista Marcelo Neri, da FGV-RJ.

Crise econômica

Pela natural falta de experiência, a escolha pelo serviço público é natural para os jovens. Além da estabilidade, o traquejo não é pré-requisito. A crise econômica interfere negativamente em todos os outros ramos de atividade. "Uma renda média de R\$ 1 mil ou de R\$ 1,5 mil, para quem tem formação superior, se considerarmos o piso salarial de R\$ 880, é baixa. No entanto, é como se comporta, hoje, o mercado de trabalho", analisou Luiz Patrício Cintra do Prado Filho, pesquisador da FIA. Qualquer melhora, prevê, só a partir de 2017.

Cidade é mais cara

O servidor público Bruno Barros Lopes, 20 anos, está ansioso por receber o primeiro salário. Ele foi empossado há pouco mais de um mês como assessor da Universidade Federal de Brasília (UnB), com salário que é o dobro da renda média dos jovens entre 16 e 24 anos da capital federal. E, apesar do valor, acha que o salário deveria ser ainda maior. "A minha remuneração é menor em comparação a outros órgãos do setor público, como Judiciário e Executivo, por exemplo. Para mim, poderia ser ainda melhor", afirmou.

Mesmo sem ter recebido ainda, Bruno já sabe quais serão os gastos mensais de atividades onde pretende investir. "Vou pelo menos uma vez no mês ao cinema e pretendo manter esse hábito. Também não abro mão do almoço na rua, que está entre os meus principais gastos", contou. De acordo com Bruno, seu principal gasto em Brasília é com gasolina. "Cerca de 40% do salário vai para combustível. Isso não vai mudar. Mas eu também penso em fazer investimentos, para, no futuro, comprar uma casa e viajar", disse.

O comerciante Rômulo Nobre

Lima, 24, está na média de Brasília, com salário de R\$ 1,5 mil mensais. Ele calcula que quase 50% de seus gastos vão para roupas, tênis e peças para skate. Apesar dos gastos elevados, o vendedor espera juntar dinheiro para comprar um carro nos próximos dois anos e uma casa, em 10 anos. "Pretendo começar investir para valer, já que hoje eu apenas junto e coloco na poupança. Entre minhas prioridades, está a faculdade de Gestão Pública, para prestar concurso público em breve e ter uma renda ainda mais alta", destacou.

Matheus Francisco, 23 anos, tem uma remuneração mensal superior a de R\$ 1,5 mil e trabalha com carteira assinada desde os 17 anos em uma loja. Ele considera a custo de vida em Brasília muito elevado e afirma que a maior parte de seu salário vai para as contas de casa, transporte público e roupas para a filha de 2 anos. "Para mim acaba sobrando pouco, tanto é que eu não gasto com produtos para mim. No máximo, eu compro roupas", contou. O sonho de Matheus é juntar dinheiro para, em 10 anos, ter o próprio salão de beleza.